

## E VÊ-LO ERA MORRER: CTHULHU E O FIM DO MUNDO

### *AND TO SEE IT WAS TO DIE: CTHULHU AND THE END OF THE WORLD*

Felipe Lopes dos Santos Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo a seguir pretende estabelecer uma relação entre a representação do horror no conto *The Call of Cthulhu*, de H. P. Lovecraft, o conceito de hospitalidade incondicional de Jacques Derrida, e a experiência ameríndia com o fim do mundo. Tal experiência é examinada a partir de reflexões de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, e de um fragmento do livro *A queda do céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015).

Palavras-chave: Lovecraft; ameríndios; fim do mundo.

**ABSTRACT:** The following article aims to establish a relation between the representation of the horror in H.P. Lovecraft's *The Call of Cthulhu*, the notion of unconditional hospitality provided by Jacques Derrida, and the Amerindian experience with the end of the world. This experience is understood by means of reflections made by Déborah Danowski and Eduardo Viveiros de Castro, along with an excerpt from *The Falling Sky*, written by David Kopenawa and Bruce Albert (2015).

Keywords: Lovecraft; Amerindians; end of the world.

## 1. INTRODUÇÃO

Os povos indígenas das Américas já viram o mundo acabar. Agora os que habitavam estes pedaços vivem por aqui à margem, em um pós-apocalipse desamparado, aos poucos mais e mais poeirento mesmo, à maneira das representações do fim do mundo na cultura popular ocidental. Em *Há mundo por vir?* (DANOWSKI; DE CASTRO, 2014), a filósofa Déborah Danowski e o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro apresentam um argumento forte: o Ocidente poderia

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários, UFPR.

aprender com os ameríndios a, entre outras coisas, lidar com o fim do mundo. Pouco a pouco, num apocalipse canalha<sup>2</sup>, o planeta é esgotado e a vida vai — na hipótese melhor — mudar: o “homem branco” vai experimentar a catástrofe<sup>3</sup>, e já experimenta, em todas as manifestações ficcionais do fim, o medo e o pavor provocados pela iminência dela. Há quase um século, o norte-americano Howard Philips Lovecraft (doravante HPL), em *The Call of Cthulhu* (2008), tratava de um evento semelhante:

As ciências, cada uma empenhando-se em seus próprios desígnios, até agora nos prejudicaram pouco; mas um dia a compreensão ampla de todo esse conhecimento dissociado revelará terríveis panoramas da realidade e do pavoroso lugar que nela ocupamos, de modo que ou enlouqueceremos com a revelação ou então fugiremos dessa luz fatal em direção à paz e ao sossego de uma nova idade das trevas. (LOVECRAFT, 2009, p. 59, tradução de Guilherme da Silva Braga).<sup>4</sup>

No conto de Lovecraft, publicado em 1928, o articulador desse conhecimento, o ser que faz com que a humanidade possa juntar as partes que compõem o todo, é Cthulhu. De nome impronunciável e aspecto indescritível, ele é chamado e é descrito: um monstro gigante com asas, tentáculos e cabeça de polvo que, a essas alturas, com a popularidade crescente de Lovecraft, é conhecido no mundo inteiro.

No universo ficcional de HPL, a adoração a Cthulhu causa tanto medo e pavor quanto o deus-monstro em si: “Era algum tipo de magia vodu, porém o vodu mais terrível que jamais haviam visto (...); Havia gritos ensandecidos e berros aterrorizantes, cânticos de enregelar a alma e demoníacas chamadas dançantes; e

---

<sup>2</sup> A expressão foi cunhada pelo ficcionista brasileiro Joca Reiners Terron (2013, s/p). Sobre 2666, de Roberto Bolaño, ele disse o seguinte: “Com esse testamento o chileno desfez a ideia de que o apocalipse ocorrerá sob fogos de artifício e luzes maravilhosas. Este romance mostra o apocalipse canalha que está acontecendo agorinha diante de nossos olhos”.

<sup>3</sup> Para uma introdução sobre o consenso científico acerca das mudanças futuras e presentes causadas pela intervenção humana no planeta, ver a participação de Danowski no colóquio *Os Mil Nomes de Gaia*. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=yENRG9MZJjc](http://www.youtube.com/watch?v=yENRG9MZJjc)>, 2015.

<sup>4</sup> “The sciences, each straining in its own direction, have hitherto harmed us little; but some day the piecing together of dissociated knowledge will open up such terrifying vistas of reality, and of our frightful position therein, that we shall either go mad from the revelation or flee from the deadly light into the peace and safety of a new dark age.” (LOVECRAFT, 2008, p. 106).

segundo o relato do mensageiro desesperado, os habitantes não aguentavam mais” (LOVECRAFT, 2009, p. 69, tradução de Guilherme da Silva Braga)<sup>5</sup>. Aqueles que o evocam, em cantos, danças e gritos inumanos, habitam regiões inexploradas pela população branca e são tão misteriosos, animais e horríveis quanto a criatura sobrenatural. Daí a oportunidade para ressaltar uma faceta interessantíssima de Lovecraft: um racismo indisfarçável, visto e revisto pela crítica nesses quase cem anos de repercussão de sua obra. Nas palavras do romancista francês Michel Houellebcq: “Autor fantástico (e dos maiores), ele leva brutalmente o racismo à sua fonte essencial, sua fonte mais profunda: o medo.” (HOUELLEBCQ, 1999, p. 04, tradução do autor)<sup>6</sup>. O medo: o medo do desconhecido, do estrangeiro, do diferente, todos esses medos que as ciências humanas se esforçaram por desnudar no século XX, mas em especial, no caso de Lovecraft e do muito carismático<sup>7</sup> Cthulhu, um medo de perder o mundo. Essa é a articulação que o presente trabalho visa fazer, por isso a importância da experiência ameríndia: as populações nativas do que hoje são as Américas passaram por esse rompimento, a causa maior do horror em Lovecraft, o ver-se invadido e aniquilado por um outro; ver-se transformado; perder o lugar; morrer. Para realizar esta articulação, vamos refletir sobre algumas imagens de *Há mundo por vir?* (DANOWSKI; DE CASTRO, 2014); algumas do conto principal da mitologia de Cthulhu (LOVECRAFT, 2008), já apresentado; veremos uma passagem sobre a hospitalidade em Jacques Derrida (DERRIDA, 2002); e, por fim, faremos uma reflexão possibilitada pelo xamã yanomami Davi Kopenawa (ALBERT; KOPENAWA, 2015).

---

<sup>5</sup> “It was voodoo, apparently, but voodoo of a more terrible sort (...) there were insane shouts and harrowing screams, soul-chilling chants and devil flames; and, the frightened messenger added, the people could stand it no more.” (LOVECRAFT, 2008, p. 129).

<sup>6</sup> “Auteur fantastique (et un des plus grands) il ramène brutalement le racisme à sa source essentielle, sa source la plus profonde: la peur.” (HOUELLEBCQ, 1999, p. 04).

<sup>7</sup> O carisma de Cthulhu pode ser atestado por sua popularidade — uma popularidade que transcende, inclusive, o espaço literário. O monstro maior da mitologia lovecraftiana é tema de jogos eletrônicos e de tabuleiro, de revistas em quadrinhos e se transformou até em bicho de pelúcia e estampa de camiseta.

## CTHULHU E A HOSPITALIDADE INCONDICIONAL

*The Call of Cthulhu* (LOVECRAFT, 2008) é o conto de um pesadelo coletivo a tomar conta do mundo. O narrador de Lovecraft se vê cercado de pistas que o parecem levar inevitavelmente a um conhecimento terrível. Entre estas pistas, está o costume religioso de uma população que habita uma região pantanosa nas proximidades de Nova Orleans. A adoração incomoda a ponto de a polícia intervir. Em um fim de tarde, um destacamento vai ao pântano onde se concentram os devotos.

Não cabe ver o conto inteiro, então nos concentremos em um detalhe que faz a fama daquele lugar. “A região explorada pela polícia tinha fama de ser amaldiçoada, e era em boa parte desconhecida e inexplorada pelos brancos.” (LOVECRAFT, 2009, p. 69, tradução de Guilherme da Silva Braga)<sup>8</sup>. Trata-se de uma região que o homem branco pouco conhece. Ficamos sabendo, adiante, que nem os próprios praticantes da seita vão muito a fundo nesse território. Existe uma linha divisória geográfica clara (para dentro do pântano os brancos não vão) e também uma barreira cultural (vê-se que nem para os homens da lei é costumeiro atravessá-la). Essa população que vive ali, retratada a princípio em designações mais ou menos genéricas pelo narrador de Lovecraft, vai aparecer logo mais em termos pouco lisonjeiros. São “criaturas”, “degradados”, “ignorantes”, “mestiços” e “mentalmente perturbados”; “a descoberta envolvia algo muito mais profundo e antigo do que o fetichismo negro” (LOVECRAFT, 2009, p. 71)<sup>9</sup>. O fetichismo negro, sem querer, na ignorância de uma gente que o narrador toma como desprezível, topa com alguma coisa que vai, em pouco tempo, vencer a barreira do gueto em que os negros se concentram e tomar o mundo inteiro.

---

<sup>8</sup> “The region now entered by the police was one of traditionally evil repute, substantially unknown and untraversed by white men.” (LOVECRAFT, 2008, p. 129).

<sup>9</sup> Eles são: “creatures”, “degraded” e “ignorant”, “mixed-blooded”, “mentally aberrant”, e fica claro que “something far deeper and older than negro fetishism was involved.” (LOVECRAFT, 2008, p. 129).

Pois isso é o que Cthulhu faz. Ele é o destruidor do mundo, é o verdadeiro dono dos territórios que os homens habitam.

A exemplo das discussões que acontecem sobre Monteiro Lobato no Brasil ou sobre Mark Twain nos Estados Unidos, seria fácil guardar essas expressões em um baú de coisas que ninguém nunca deveria ter dito — elas causam no mínimo um desconforto, formam um imbróglio difícil de desfazer, e saltam aos olhos independentemente do percurso que o leitor tenha feito. Por isso é tão salutar que um autor jamais seja o senhor absoluto daquilo que emana de suas obras. O racismo de Lovecraft acompanha o narrador de *The Call of Cthulhu*, mas gostaríamos de vê-lo aqui na chave proposta por Michel Houellebecq (1999) como a expressão de um medo que nem tenta se passar por qualquer outra coisa; é um medo explícito, verdadeira perda de controle diante de um outro que não cabe nas ordenações costumeiras, e que não permanecerá — como talvez desejem os amparados pela ordem — contido por uma fronteira mais imaginária do que real. Não será possível manter Cthulhu dormindo eternamente. Ter que lidar com ele é uma tarefa apavorante. Vencer esta fronteira paralisa o narrador de Lovecraft. Acolher o destruidor do mundo não parece uma opção.

Daí a importância de um “programa da hospitalidade”, nas palavras de Jacques Derrida (2002). Ou ainda de um projeto filosófico e político que pretenda ver de maneira menos simples (e menos medrosa) a complexidade de um diferente. “É isso o que a hospitalidade faz, ela borra fronteiras”, diz Derrida (2002, p. 73). O pensador argelino trata de uma hospitalidade que, em vez de trazer consigo regras e preceitos que a limitam, adota como norma única a incondicionalidade. Se o acolhimento não for total, não será acolhimento. Um gesto assim é impossível. Será preciso, portanto, realizá-lo.

Hospitalidade incondicional pressupõe que você não peça ao outro, ao recém-chegado, ao hóspede, que ele dê algo em troca, ou mesmo que ele ou ela se

identifiquem. Mesmo que o outro tire de você o domínio sobre sua própria casa, você deve aceitar. É terrível aceitar tal coisa, mas essa é a condição da hospitalidade incondicional: que você largue mão do domínio do seu espaço, seu lar, sua nação. Isto é insustentável. Se, no entanto, houver pura hospitalidade, ela deve ser levada a esse extremo. (DERRIDA, 2002, p. 70, tradução do autor).<sup>10</sup>

Uma palavra-chave aqui é *domínio*, especialmente quando se relaciona a posse e autoridade. Derrida (2002) desenhou um programa de hospitalidade inspirado especialmente em dois autores. O Immanuel Kant de *A Paz Perpétua*, e o Emmanuel Lévinas elaborador de uma ética da alteridade. Desses dois pontos de vista, surge um programa de hospitalidade destinado a reordenar o tratamento dado a quem chega, ou seja, trata-se de uma revisão filosófica e política do *modus operandi* das civilizações ocidentais, de uma ética que pretende permitir a consideração do outro, do imigrante, do diferente, do bárbaro. Para as populações nativas das Américas, o fim do mundo no mais das vezes chegou sem aviso, sem essa tensão que se manifesta no tratamento que o narrador de Lovecraft dá a um povo que desconhece. Não houve meio de considerar o tratamento dispensado ao invasor, ao colonizador, àquele que veio de fora. Nesse caso, não houve tempo de pensar em acolher o destruidor do mundo. Aceitar ou abdicar de um domínio não foram considerações possíveis de se fazer. Cthulhu veio e passou por cima de tudo com seu corpo grande. Ficou um outro tipo de medo, muito bem expresso nas palavras do escritor Daniel Munduruku<sup>11</sup>:

Muitos dos atingidos pela gana destruidora tiveram que ocultar-se sob outras identidades para serem confundidos com os desvalidos da sorte e, assim, poderem sobreviver. Esses se tornaram sem-terras, sem-teto, sem-história, sem-

---

<sup>10</sup> “So unconditional hospitality implies that you don’t ask the other, the newcomer, the guest, to give anything back, or even to identify himself or herself. Even if the other deprives you of your mastery or your home, you have to accept this. It is terrible to accept this, but that is the condition of unconditional hospitality: that you give up the mastery of your space, your home, your nation. It is unbearable. If, however, there is pure hospitality it should be pushed to this extreme.” (DERRIDA, 2002, p. 70).

<sup>11</sup> Divulgador das causas indígenas no Brasil, Munduruku foi o único escritor de origem indígena convidado pelo governo brasileiro a participar da prestigiosa Feira de Frankfurt, que tratava da literatura brasileira, em 2013.

humanidade. Esses tiveram que aceitar a dura realidade dos sem-memória, gente das cidades que precisa guardar nos livros seu medo do esquecimento. (MUNDURUKU, 2014, s/p).

O medo encontrado em *The Call of Cthulhu* (LOVECRAFT, 2008) é o medo de ver-se diante de um destino assim apavorante. É um medo de se transformar, ser transformado, medo de virar outro. Ansiedade diante da aparente instabilidade de uma posição confortável. Pois é confortável ter o domínio e poder fazer com ele o que for conveniente. Ter a autoridade e tomar para si o território. Derrida (2002) propõe um tipo de reforma que cairia bem ao mundo horrível visto por Lovecraft, e expressa muito bem, ao mesmo tempo, o desconforto que é estar na posição de estrangeiro. Ser estrangeiro numa terra que lhe pertence. Em certo sentido, é esse o fim do mundo.

Danowski e Viveiros de Castro (2014, p. 34) examinam um punhado de representações ficcionais do apocalipse, deixando em evidência a distinção entre um “*mundo sem nós*” — “o mundo depois do término da existência da espécie humana” — e um “*nós sem mundo*” — “a subsistência de alguma forma de humanidade ou subjetividade após o fim do mundo”. Esta última parece ser a fonte de preocupação maior de tais representações, visões do fim que dificilmente vão se interessar por um planeta sem a humanidade, ou sem alguma imagem do humano. É como se não estivéssemos preocupados com o fim de nossas vidas, mas com a perspectiva sombria de sua continuidade.

Aqui nos parece que a hospitalidade incondicional derridiana pode oferecer uma direção interessante para um apontamento feito por Danowski e Viveiros de Castro (2014, p. 33): a questão de saber do que se fala quando se fala de um “nós” é raramente colocada na perspectiva ocidental. Nesse sentido, o conto de Lovecraft é um exemplo e tanto. Citemos de novo o mesmo trecho de *The Call of Cthulhu* (LOVECRAFT, 2009, p. 69, tradução de Guilherme da Silva Braga): “Havia gritos ensandecidos e berros aterrorizantes, cânticos de enregelar a alma e demoníacas chamas dançantes; e



segundo o relato do mensageiro desesperado, os habitantes não aguentavam mais”.<sup>12</sup> Os “habitantes” da tradução aqui consultada são em inglês “the people” numa espécie de oposição às “creatures”, “criaturas”. *The people* já não aguentava mais o barulho feito pelos negros, pelas *creatures* que realizavam seus rituais macabros e desconhecidos. Não seria a hospitalidade incondicional uma maneira de — no caso do branco, daquele que quer falar como um “nós” — quebrar com a ficção de uma identidade que se deseja tão fixa, num limite já estabelecido e de longe conhecido? A hospitalidade é uma maneira de romper com a ficção, ademais sempre bastante cômoda, de um “eles lá” e “nós aqui”. Desta forma, voltando às palavras de Derrida (2002, p. 68), “largar mão do domínio do seu espaço, seu lar, sua nação”, esse gesto insustentável, também será perder o mundo.

Para alguém confortado pela ordem, a perspectiva do fim do mundo não será a preocupação com o ingresso num tipo de inferno após a morte, mas com o começo de um inferno em vida. Essa experiência, esse tipo de marginalização, não é inédita ou indescritível como pode parecer. Ela se realiza, diariamente mesmo, no fim de vários mundos, na destituição ou na aniquilação total de vários seres não incluídos na ficção de um “nós”. Boa parte dos cenários pós-apocalípticos hollywoodianos mostra um universo menos terrível do que, por exemplo, o Sudão do Sul, e aqui, como nos lembram Danowski e Viveiros de Castro (2008), não escapamos ainda do *Homo sapiens*. Matam-se botos e abelhas e a bem da verdade qualquer coisa que respire. Existem centenas de complexos industriais dedicados a manter cativas espécies inteiras e suas mães e crias. Daí um fim de mundo não será mais ou menos desejável? Não só uma reorganização, reordenação, um reposicionamento, mas o fim mesmo: o fim do sofrimento.

No caso de Derrida (2008), pensador argelino que fez carreira na Europa e nos Estados Unidos, faz sentido falar em um “recém-chegado”. Deve-se ter em vista a

---

<sup>12</sup> “There were insane shouts and harrowing screams, soul-chilling chants and devil flames; and, the frightened messenger added, the people could stand it no more.” (LOVECRAFT, 2008, p. 129).



conjuntura política europeia, bem como a questão da relação dos países da Europa ocidental com suas colônias. Derrida trata do recém-chegado como se o continente europeu fosse um porto a recebê-lo. A hospitalidade incondicional, nesse sentido, é um projeto de reforma. Como lidar, porém, com a posição de subserviência, para dizer o mínimo, em que seriam colocados os povos ocidentais, *civilizados*, se Cthulhu despertasse de uma vez de seu sono e caminhasse pelo mundo? Esse é um sentimento que, em Lovecraft, só pode ser visto sob as lentes do horror — a ponto de o horror se esvaziar, ou perder força, sem ele: as “*creatures*” que cultuam Cthulhu só têm poder enquanto podem acordar o destruidor do mundo. Sem Cthulhu, sem o conhecimento que pode fundar uma outra ordem, são de fácil controle. Está lá a polícia, no começo do conto, colocando cada coisa em seu lugar. Derrida quer pensar sobre como acolher. Mas como tratar de hospitalidade longe da perspectiva de uma “aniquilação”, assim com aspas, e mais perto de uma aniquilação certa, real, inevitável?

## 2. A QUEDA DO CÉU

Partindo do ponto em que nos deixam Danoswki e Viveiros de Castro (2008), a saber: tendo consciência do fim inevitável e marcado para breve do mundo como o conhecemos; o que é que *nós* e o narrador de Lovecraft podemos aprender sobre a aniquilação com aqueles que travam com ela uma batalha cotidiana?

Tomemos como exemplo o livro de Davi Kopenawa e Bruce Albert (ALBERT; KOPENAWA, 2015). Lançada originalmente na França como *La Chute du ciel*, a obra saiu no Brasil, em setembro de 2015, como *A queda do céu*. Bruce Albert é um antropólogo francês que conviveu longamente com os Yanomami. Davi Kopenawa é uma figura de classificação menos fácil. Ele é constantemente ameaçado de morte por garimpeiros e madeireiros, pequenos e grandes poderosos. É um homem bem articulado — num português reticente, de estrangeiro — que fala ao mundo todo (e ao

Brasil também, diga-se) sobre as condições a cada dia mais impossíveis de seu povo. Kopenawa é um xamã e um porta-voz dos yanomami, e uma voz ativa pela preservação da floresta amazônica.

*A queda do céu* poderia ser descrito como uma biografia de Kopenawa, ditada a Albert. Isso, porém, seria uma simplificação. O livro é também um testemunho das muitas visões de mundo do povo yanomami: cosmologia, política e convívio e também afeto, minúcia, pesca, caça. Nas palavras de Albert: “uma versão não ouvida do confronto histórico entre ameríndios e a ‘civilização’” (ALBERT; KOPENAWA, 2013, p. 1, tradução de Beatriz Perrone-Moisés), e ainda: “uma coleção de narrativas, pensamentos e conversas” (Ibid, p. 7). É um grande volume — passa das 700 páginas na edição brasileira — do qual vamos extrair, muito arbitrariamente, um trecho muito pequeno, um parágrafo apenas, para tentar assinalar uma relação com *The Call of Cthulhu*. Ou melhor, para ver um outro modo de pensar: um que, diante de uma condição mais severa, de uma aniquilação mais certa, consegue emprestar complexidade ao desconhecido, uma complexidade de natureza bem diferente daquela que encontramos em Lovecraft.

Ninguém vai roubar do pai de Cthulhu suas principais qualidades: uma figuração do bizarro quase sem par, um pessimismo que, à distância, parece simpático, um ódio até irrestrito, uma espécie de raiva contra tudo o que se mexe; mas é inegável que aqueles humores eugenistas, aquelas teorias pseudo-científicas do começo do século XX, tudo aquilo que não tinha como acabar bem, descem com alguma dificuldade por aqui. Quer dizer, aquele povo que habita aquela região que os brancos não ousam atravessar, uma gente que faz barulhos inumanos, gente que é o motivo do medo pelo que está para acontecer com a ordem do mundo, aquela gente somos nós, nossos avós, minha tia, sua tia; e aquela gente, *ali*, não é nem gente: o território, ainda que desconhecido, já foi “mapeado”, já foram enquadrados os devotos, a paz vai sendo

restaurada aos poucos. Em *The Call of Cthulhu*, o pesadelo coletivo que atormenta o sono do mundo civilizado se dá como uma angústia por essa proximidade.

Em *A queda do céu* Davi Kopenawa (2015) não fica horrorizado pelo que promete o desconhecido. O território não explorado não causa horror. De certa maneira, é uma injustiça fazer uma comparação assim com Lovecraft, dadas as circunstâncias de publicação de seus contos: na área de atuação do contista norte-americano, sem o medo, sem ver no desconhecido uma ameaça, não há movimento, o mundo não anda. E mais: a manifestação desse medo, através de um narrador que tem ganas de cientista e espírito de detetive, só faz expô-lo. Este narrador topa aquela aposta: será possível abraçar a loucura através do conhecimento, e ele vai fundo ao investigar, ler, entrevistar, ao ter com todos os que esbarraram na verdade. A verdade, porém, é aterradora. Não será possível partilhar o mundo. Cthulhu e os seus vão tomá-lo. Esse é o pesadelo de tornar-se outro.

Nesse sentido, e lembrando aquele acolhimento derridiano de hospitalidade incondicional (DERRIDA, 2002), *A queda do céu* é um aprendizado. Vejamos o que Kopenawa tem a dizer sobre um território de difícil mapeamento e os seres que o habitam:

[...] o vento não surge do nada na floresta, como pensam os que ignoram a existência dos *xapiri*. Vem do movimento da corrida invisível dos espíritos que nela vivem.

Em todos os lugares onde vivem humanos, a floresta é assim povoada de espíritos animais. São as imagens de todos os seres que andam pelo solo, sobem pelos galhos ou possuem asas, as imagens de todas as antas, veados, onças, jaguatiricas, macacos-aranha e guaribas, cutias, tucanos, araras, cujubins e jacamins. Os animais que caçamos só se deslocam na floresta onde há espelhos e caminhos de seus ancestrais *yarori* que se tornaram espíritos *xapiri*. Quando olham para a floresta, os brancos nunca pensam nisso. Mesmo quando a sobrevoam em seus aviões, não veem nada. Devem pensar que seu chão e suas montanhas estão ali à toa, e que ela não passa de uma grande quantidade de árvores. Entretanto, os xamãs sabem muito bem que ela pertence aos *xapiri* e que é feita de seus inúmeros espelhos. Os espíritos que vivem nela são muito mais numerosos do que os humanos e todos os demais habitantes da floresta os

conhecem! (ALBERT; KOPENAWA, 2015, p. 121, tradução de Beatriz Perrone-Moisés).

Vimos em Kopenawa e Lovecraft duas figurações opostas do desconhecido: modos de conviver que, claro, servem a propósitos distintos. O medo, sem o que um conto de horror perde a razão de ser, opera uma interdição do território e constrói um limite: a partir deste ponto não se anda sob pena de se despertar um mal incontrolável; seria preciso retomar essas paragens e iluminá-las, mas isso resulta inútil em *The Call of Cthulhu*, esse tipo de reconquista é impossível: o mundo nunca operou pela ordem dos que pensam ordená-lo. Ele funciona, em vez disso, por meio de uma força subterrânea (e submarina) que está prestes a despertar e arrasar todas aquelas categorias que a humanidade se esforça para preservar. No trecho retirado de *A queda do céu*, por outro lado, nenhum pedaço do mundo parece pertencer exclusivamente ao homem, e ele deve conviver, assim, com entes que não obedecerão a seus designios. Tal convivência, porém, não resulta na destruição do homem, posto que ele é conhecedor do mundo dos espíritos, é uma entre as criaturas que compartilham a floresta. No livro de Kopenawa e Albert (2015), tornar-se outro, partir de um lugar diferente, adotar uma nova perspectiva, tudo isso é uma educação e leva tempo. Daí o território que o homem não habita não guardar apavorante mistério, e aquilo que ele desconhece não causar medo.

Viveiros de Castro (2015) fala de uma “reindianização”<sup>13</sup>, uma necessidade que a ele parece evidente dado o esgotamento iminente dos modos de vida dispendiosos do homem branco, possibilitados pelo avanço humano sobre a natureza e pela distribuição (ou concentração) de riqueza baseada em crescimento econômico. Tal *reindianização*, espécie de *tornar-se índio* será, entre outras coisas, desaprender a

---

<sup>13</sup> Aqui uma simplificação muitíssimo grosseira daquilo que diz Viveiros de Castro em entrevista disponível em: <[http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_institucional/No\\_Brasil\\_todo\\_mundo\\_é\\_Índio.pdf](http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_é_Índio.pdf)>. Acesso em 14 out. 2015.

operar de acordo com essa lógica — ir ao mistério com uma agenda que não a da dominação e do confronto. Vem daí a lição que os que já viram o fim do mundo podem legar. Aprender com esta experiência pode vir a ser assumir o ponto de vista dos que ficaram do lado de fora da região mapeada e escrutinada — usando aqui como exemplo o conto de Lovecraft (2008). Os seres degradados e misteriosos: eles herdarão o mundo, pois de seu infortúnio tiraram o aprendizado de viver com o que sobrou e de andar pelos cantos da Terra. Nessa mudança de perspectiva, o horror pelo desconhecido perderia sua força. Na periferia do Ocidente, inseridos numa cultura que parece ter como objetivo mastigar o mundo, *nós*, os que não aprendemos nada, chegamos num dos carros da polícia para botar ordem na bagunça dos adoradores de Cthulhu.

## REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Trad. de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. *The falling sky: words of a Yanomami shaman*. Cambridge: Harvard University Press, 2013.

DE CASTRO, Eduardo Viveiros. “No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é”. Disponível em: <[http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_institucional/No\\_Brasil\\_todo\\_mundo\\_é\\_Índio.pdf](http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_é_Índio.pdf)>. Acesso em 14 out. 2015.

DERRIDA, Jacques. Hospitality, justice and responsibility: a dialogue with Jacques Derrida. In KEARNEY, Richard; DOOLEY, Mark. *Questioning Ethics: debates in contemporary philosophy*. Londres: Routledge, 2002.

DANOWSKI, Déborah. Percepções das mudanças climáticas. Participação no colóquio Os Mil Nomes de Gaia, publicada em 2015. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=yENRG9MZJjc](http://www.youtube.com/watch?v=yENRG9MZJjc)> Acesso em 14 out. 2015.

DANOWSKI, Déborah; DE CASTRO, Eduardo Viveiros. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

HOUELLEBECQ, Michel. *H.P. Lovecraft — contre le monde, contre la vie*. Monaco: Éditions du Rocher, 1999.

LOVECRAFT, Howard Philips. *O chamado de Cthulhu*. Trad. de Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Hedra, 2009.

\_\_\_\_\_. "The Call of Cthulhu" In LOVECRAFT, Howard Philips. *The Complete Fiction of H.P. Lovecraft*. Sauk City: Arkham House, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade. 2014. In *Revista Pessoa*. Disponível em: <<http://www.revistapessoa.com/2014/11/literatura-indigena-e-o-tenue-fio-entre-escrita-e-oralidade>>. Acesso em 09 set. 2015.

TERRON, Joca Reiners. Dez clássicos literários do século 21. 2013. In *Sorte & Azar S/A*. Disponível em: <<http://jocareinersterron.wordpress.com/2013/02/13/1720>>. Acesso em 09 set. 2015.

Submetido em: 10/09/2015

Aceito em: 01/10/2015